

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MEMÓRIA SOBRE A RIBEIRA DO VIZELA.

SAMPAIO, António José Leite

Ano: 2000 | Número: 110

Como citar este documento:

SAMPAIO, António José Leite, Memória sobre a Ribeira do Vizela. *Revista de Guimarães*, 110 Jan.-Dez. 2000, p. 207-247.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MEMÓRIA

Sobre a índole, costumes e usos dos habitantes da Ribeira do Vizela; resumo da história animal, mineral e vegetal da mesma Ribeira, e antiguidades que nela existem.

Dedicada e oferecida

Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, 2.^o Visconde de Balsemão, do Conselho de S. M. F. e do de sua Real Fazenda, Alcaide-mor do Castelo Mendo, Senhor Donatário dos Concelhos de Ferreiros e Tendais, e dos quintos de Magueja, e mais pertenças dos Direitos Reais de Fonte Arcada, Parada de Ester, Freixo de Numão e Souto de Penedona, etc. Comendador de S. Martinho de Lordelo da Oira, na Ordem de Cristo, e da Sagrada Ordem de S. João de Jerusalém, etc., etc.

POR ANTÓNIO JOSÉ LEITE S. PAIO

Porto, 1827

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

O principal objecto de todos os Estudos de V. Exc.^a tem sido, sem dúvida, procurar incansavelmente o meio de tirar de entre os Agrícolas os terríveis e funestos abusos que defínham e deprimem a Agricultura; as Memórias que nesta matéria tem escrito, todas provam evidentemente o patriótico zelo que V. Exc.^a tem em fazer florescer vigorosamente este tronco da indústria e prosperidade nacional; nada, do que diz respeito ao estudo agronómico, é desconhecido de V. Exc.^a: as suas vastas e reiteradas experiências sobre Vegetação e Mineralogia dão largo assunto aos merecidos encómios, se eu neste lugar tentasse tecê-los; indigno porém de o fazer, nada mais posso, olhadas as minhas débeis forças, do que dedicar-lhes este pequeno ensaio das minhas especulações e curiosidade; tributo indigno, oferta desprezível, que nada gratifica a cópia imensa dos benefícios recebidos, porém que é uma diminuta demonstração de obséquio, veneração e agradecimento. Digne-se, Excelentíssimo Senhor., aceitar este pequeno ensaio que, escudado com o respeitável nome de V. Exc.^a afrontará os Aristarcos, que nada olhando para a incorrecção do estilo, olharão somente para a para a protecção do Mecenas.

Tenho a honra de levar à presença de V. Exc.^a esta diminuta prova da minha gratidão, desejando ansiosamente ver dilatada a preciosa vida de V. Exc.^a, para aumento das Artes e Ciências, e para ver perpetuada a glória e honra de ser

*De V. Exc.^a
humilde, obsequioso e reverente Criado*

António José Leite Sampaio

PREFAÇÃO

O interesse que nos deve causar o conhecimento dos diferentes objectos que deram lugar às minhas observações, que vão expendidas nesta Memória, é de tanta importância, que querer provar a sua supremacia, seria querer provar um axioma.

A ciência de que o homem extrai maiores utilidades é, sem contradição, a Agricultura: dela se seguem os diversos ramos da prosperidade e independência nacional; por ela, todos os viventes se nutrem, e por suas produções se aumenta o conjunto das forças políticas do Estado. Estas verdades, tão claramente demonstradas por todos os Economistas Políticos, patenteiam visivelmente a necessidade de escritos sobre uma tão atendível matéria.

Todo o Reino de Portugal, pela sua posição topográfica, clima, natureza e fecundidade dos seus terrenos, por ser cortado de muitas cordilheiras de serras, montes, rios e regatos, é assaz abundante, apesar de imensos baldios que ainda em muitas partes do Reino estão por cultivar. O letargo mortal em que existe a nossa Agricultura, o seu atrasamento e o seu desprezo, promove excessivamente a riqueza das outras Nações, que para aumentarem os seus fundos, nos importam muita quantidade de géneros que, com o nosso desvelo, o terreno de Portugal produziria melhores; e nós nos vamos exaurindo de grandes capitais, que, aplicados devidamente, bastariam para a nossa conservação.

A pouca execução das nossas leis agrárias, o pouco cuidado dos Proprietários na conservação dos seus Prédios, nos tem feito conhecer, com mágoa o digo, as lamentáveis ruínas que experimentaram os Romanos, quando trocaram a vida simples e doce dos campos, pelo horroroso fausto, e funesto luxo das cidades, aonde lavra a corrupção da ociosidade, Mãe terrível de todos os vícios.

A falta conhecida da Agronomia, e o abuso rotinário da cultura deste País, ao qual estão aferrados os Lavradores, causam um transtorno terrível nesta Arte suprema.

A minha estada todos os anos, na ocasião dos maiores tráficos da Lavoura, em um Prédio que meu Pai possui na Ribeira de Vizela; a vivenda cordial e mútua que tenho com os Lavradores desta terra; os usos, costumes, maneiras destes Agrícolas; a copiosa abundância de objectos diferentes que ali existem, tudo isto me suscitou a ideia de descrever nesta pequena Memória o que se torna mais interessante deste espaço de terra que faz parte da Província do Minho. As minhas observações versam sobre uma matéria de tanta importância e utilidade, que eu quisera que uma pena mais hábil as fizesse e escrevesse; todavia ainda que a presente Memória outro préstimo não tenha mais que o de avivar a lembrança para a descrição deste terreno, era sobejo incentivo por que eu me atrevesse a escrevê-la; oxalá que ela preencha este atendível objecto.

INTRODUÇÃO

A Ribeira de Vizela oferece ao Naturalista um vasto campo para as suas investigações; além da muita cópia de animais domésticos, há igualmente diferentes espécies de outros, que povoam os bosques e os montes. O Botânico tem igualmente aonde saciar a sua curiosidade no reino vegetal desta Ribeira, pois se vêem vegetar tal quantidade de plantas, que muitas delas ainda se não acham descritas, das quais as Artes poderiam tirar imensa utilidade e grandíssimas vantagens.

Os principais objectos de Comércio desta Ribeira são os linhos, panos de linho, linha, madeira, gado, e alguma aguardente, cuja venda produz perto de 3 milhões. A sua cultura primária é a dos milhos, centeio, feijão, trigo, vinhos verdes e algum azeite e frutas. Os seus habitantes são cuidadosos em aproveitar a terra, e se dedicam muito ao trabalho.

As estradas principais que se concentram nesta Ribeira, são a de Pombeiro, a de Guimarães, a de Barrosas e a de Negrelos; as quais se ramificam para outros diversos pontos.

Os montes são compostos de pedra granítica, e calcária em partes, argila, greda, et, et; e pela sua formatura e irregularidade parecem ser antediluvianos; por todos eles há grandes massas de pedra, espalhadas pela sua superfície, que parecem querer rolar pelos montes abaixo. Estes penedos enormes são o covil das Raposas e das Lebres, que fazem por baixo deles as suas luras.

CAPÍTULO 1.º

Descrição do terreno, e sua localidade

§ 1. Dá-se, entre os lavradores, o nome Ribeira às fazendas ou Prédios situados nas margens de qualquer Rio ou Regato; compreendendo igualmente os que lhe ficam adjacentes: é por este motivo, e segundo o termo dos lavradores, que eu dou o nome de Ribeira de Vizela¹ nos prédios situados nas margens deste pequeno Rio.

§ 2. Esta Ribeira, tão famigerada pelas suas grandes produções e fertilidade do terreno, quanto aprazível pela sua localidade e amenidade do sítio, é sem exageração a mais abundante de Portugal, e sem dúvida a mais povoada. *Mr. _a _ede*, na sua História de Portugal, lhe tece, em breves palavras, um grande elogio, fazendo-a a mais rica e copiosa de todo o Reino. A sua limítrofe, Ribeira de Felgueiras, é também muito fértil, e igualmente muito povoada, contudo a de Vizela lhe fornece alguns géneros de que precisa, tais como milhos, vinhos, muita quantidade de madeiras e muita lenha.

§ 3. Esta Ribeira é muito cheia de arvoredo, tanto nos seus vales, como no cume dos seus mais altos montes. O carvalho forma todos estes dilatados bosques, chamados bouças e tapadas, de maneira que sem plantação alguma, em partes, nascem em abundância, como por outras terras nasce o pinheiro. Ela não é plana; é formada no decurso de um espaçoso vale, tendo de um e de outro lado uma cordilheira de montes muito altos e íngremes. Do lado do Norte, tem a cordilheira de montes chamada a Serra de S. Bento, e sua continuação; do lado do Sul tem a cordilheira que se compõe da Serra de Barrosas e sua continuação até Pombeiro; ficando-lhe ao Oeste a Serra de Lustosa, e a Leste parte das Serras do Gerês. O seu quadro,

¹ O Rio Vizela, perde este nome 1 légua distante de Santo Tirso, e toma o de Ave, que desemboca no Oceano pela foz de Vila do Conde.

olhado do cume de uma das serras mencionadas, é o mais agradável e pitoresco, fazendo os seus campos uma tal divergência aprazível aos olhos do espectador. Os seus campos são à maneira de socalcos, porém espaçosos, a tal ponto, que há campo que dá só de bom fruto 15 a 20 carros cada ano, e destes é grande o número. É em razão desta situação que as águas se não perdem, porque percorrem os campos que lhe ficam por baixo, regando-os: e as suas vertentes são aproveitadas nos campos que ficam inferiores a estes, até que dão no Rio. O que não acontece na Maia e circuitos de Braga, porque os seus campos são uma continuada planície, em fios marcados, por onde a água não pode correr de uns a outros.

CAPÍTULO 2.º

Pintura dos seus habitantes, seus costumes e usos morais.

§ 1. Enquanto aos costumes morais dos habitantes, nada mais digno dos elogios dos homens amantes da humanidade. Todos eles são lavradores ou jornaleiros, e muitos uma e outra coisa. Os lavradores divido-os em duas qualidades: lavradores proprietários, e lavradores caseiros. Os proprietários, que por sua mão cultivam as suas terras, são em grande número. Há igualmente muitos caseiros. Por ser maior o número dos que são cultivadores proprietários é que esta Ribeira é muito rica e abundante. Ela espalha quase a nutrição até à Amarante, pela muita quantidade de cereais de toda a espécie que para estas terras manda, aonde os almocreves de toda a parte os vão buscar para levar em cargas aonde se fazem precisos. São estes lavradores que abundam as feiras da Vila de Guimarães de tudo o que é preciso à vida: ali levam carne de porco, a mais saborosa pelo fumo que a embalsama, pois não se conhece outra melhor além da de Lamego. Levam às feiras desta Vila, que são ao sábado, o gado para ali se matar, ou para levar para o Porto ou mesmo para Lisboa: é voz constante de todos os lavradores do Reino de Portugal, que os bois melhores para a cultura das terras

são os domados e criados no Minho, e especialmente na Ribeira de Vizela e seus contornos.

§ 2. A estatura dos seus habitantes é ordinária, indo mais para o baixo que para o alto; as suas feições são regulares, porém a sua tez é um tanto escura pelos tráficos da lavoura, e pelo descostume de se lavarem diariamente, o que lhes torna o seu rosto um tanto agreste. As mulheres são agradáveis, afáveis e lindas, porém o seu modo de trajar é feio, e lhes faz o corpo mui grosso e desairoso. O luxo dos lavradores antigamente consistia, enquanto ao vestuário, em uma jaqueta de saragoça mui grossa, uns calções, pela maior parte atados com uma verga, e uns socos: hoje se vestem de seda, assim como as suas mulheres, rindo-se da antiga economia e simplicidade. Chegam a puxar pela sogá do gado com as suas botas calçadas e muito asseados; consumindo nestas fatais e terríveis extravagâncias exorbitantes somas que ganharam os seus Pais com tanto susto e fadiga. Este luxo tão nocivo e prejudicial à simplicidade dos costumes e à economia, tem passado dos lavradores ricos, e bons proprietários, aos medíocres; e veio tão geral que se escarnece e zomba, quando se vê ainda algum dos antigos lavradores na vetusta simplicidade.

§ 3. Os homens são afáveis, hospitaleiros, esmoleres e religiosos, a tal ponto que passam a supersticiosos: mas não se deve estranhar este excesso, que é comum a toda a gente da classe campestre, e o motivo disto é a crassa ignorância em que vivem. São bons consortes, chegando a fidelidade a tanto que é apontada aquela que faltou aos seus deveres, como um lance extraordinário, poucas vezes, ou nunca acontecido. Os maridos são mui zelosos da sua honra, e tomam como um castigo do Céu a falta de fidelidade das suas mulheres, abandonado-as, as deixam entregues à fome, e fogem da terra aonde viviam; a adúltera vem a ser vítima da geral execração, de tal maneira que ela, tendo sobre si o cargo de todos os seus filhos, não tem de que os sustente, e para isso não promove caridade dos seus

vizinhos. Os mesmos ricos, vendem tudo e fogem. São fiéis nos contratos, e a sua palavra tem, entre eles, fé de escritura pública; e quando a soma é grande, ou a coisa sobre que se trata o ajuste, é de grande valor, nada mais fazem que um escrito, assinado por três testemunhas, além das partes ajustantes, e julgam este papel da maior legalidade possível: há igualmente entre eles contratos meramente vocais que, se fossem velhacos, poderiam impunemente negar, ou contradizer algumas das suas condições; é por este motivo, que é a única terra, de todo o Reino, que conta no seu grémio menos demandistas. Adiante direi quem acaba e sossega as questões, e rixas entre este povo dócil. São bons trabalhadores, e poucos ociosos se vêem, que restritamente se lhes possa dar este nome. Esta terra é a que dá menos soldados, porque os pobres quando chegam à idade que a lei prescreve para aquele emprego, tratam logo de se casarem para deste modo se evadirem àquela lei, tão onerosa à Agricultura, e buscam ser lavradores caseiros, ou são jornaleiros.²

§ 4. Nada de mais digno de elogios, e mais tocante a um peito agradecido, que o agasalho que estes homens fazem a um viajero! Com que gosto e fadiga se prestam a receber o triste viajero, a quem anoiteceu nesta paragem, aonde não há estalagens: recebem-no com todo o carinho, pensam-lhe a cavalgadura, ou cavalgadas, com todo o esmero e cuidado; administram-lhe tudo o que lhe for preciso; servem-lhe à ceia uma comida frugal, porém dada de muito boa vontade; contam-lhe ao lar, aonde está reunida toda a família, histórias acontecidas a diversas pessoas daquela Aldeia, e finalmente, depois da mais urbana hospedagem, para acrescentar ainda o valor deste grande benefício, tomam por um vergonhoso

² Em toda a parte os pobres jornaleiros são os que defendem os direitos dos Reis e da Nação, porque um lavrador rico, ainda que tenha uma dúzia de filhos, não quer nenhum servindo o Estado, e para este efeito peita o Capitão-mor com 4 lombos de porco, presta-se ao seu serviço particular, e seus filhos estão livres do menor susto.

desdouro e desfeita, se o viajero deseja remunerar-lhes os seus bons serviços.

§ 5. São tão esmoleres e tão supersticiosos, que a terça parte da sua colheita vai para esmolos a diferentes santos da sua devoção, para algumas comunidades de frades mendicantes, e para pobres mendigos. Eu vou dar rapidamente uma noção dos santos e santas que são mais da sua devoção, e os conventos que mandam os seus leigos mendigar para esta Ribeira.

§ 6. Em cada freguesia são todos os lavradores, e isto por um uso, que tomam já por obrigação e dever, obrigados a concorrerem para a festividade o S. S. Sacramento; cada um com um alqueire de milho ou centeio, dado por duas vezes em cada ano, fora a esmola do vinho com que igualmente concorrem. Também promovem para os cultos de N. Senhora das Dores com meio alqueire de grão, e esmola de vinho. O santo padroeiro da sua freguesia, as Almas, a Senhora do Rosário, e diversos santos particulares a cada igreja, suscitam a sua caridade.

§ 7. Convém descrever a festividade de S. Sebastião com todas as particularidades, pois por ela se vem no conhecimento da rusticidade deste povo. Este santo é o patrono de todas as freguesias, e para seus cultos concorrem todas, até os mesmos pobres, de quem é o advogado. Prescindamos da festa de manhã, que consiste em sermão, missa cantada e o Sacramento exposto, e vamos narrar os acontecimentos da tarde; estes consistem em uma procissão, a que chamam *Cerca*, que rodeia os limites da freguesia, subindo aos mais altos montes, descendo aos mais profundos vales, andando talvez mais de uma légua em toda a circunferência.

§ 8. A *Cerca* leva três, ou quatro, andores, à maneira de padiolas, muito enramalhados: estes andores, cujo número cresce à proporção da grandeza da festa, levam imagens de

diversos santos em cada freguesia, mas sempre a imagem de S. Sebastião. Adiante dos andores, vai compassadamente muita cópia de bandeirolas e estandartes, em varas sumamente altas, junto aos quais vão homens com varas muito compridas, com ganchos de ferro na ponta, arrumando os ramos das árvores que estorvam a passagem às bandeirolas, estandartes e andores. Não leva esta procissão nem um só lume; precede tudo a música, que assistiu à festa, acompanhada de uma grande quantidade de tambores e zabumbas. Os tocadores destes últimos instrumentos levam em brio qual dentre eles há-de fazer ouvir mais o seu tambor ou zabumba, de maneira que causa um horroroso estampido, que ressoa pelas montanhas vizinhas. As mulheres de toda a idade, e principalmente as solteiras, pedem antecipadamente os enfeites que hão de levar na *Cerca*. Esmeram em carregar de ouro e jóias preciosas os Anjos que vão nesta procissão, e logo que estes chegam à igreja cuidam, perante todo o mundo, em arrancar-lhes do pescoço a riqueza de que os adereçaram para ali mesmo entregar aos seus respectivos donos. No dia antecedente a esta festa há muito fogo, fogueiras postas pelos cumes dos montes vizinhos, e em algumas freguesias há o jogo do galo.

§ 9. As esmolas dadas aos leigos mendicantes são vinho, carne de porco, e toda a qualidade de grão. Também vão a esta Ribeira pedir esmola os procuradores da Santa Casa da Misericórdia e da Casa de Jerusalém.

§ 10. São tão apaixonados pelas romarias, que vão 10 e 12 léguas a pé visitar os santos de sua devoção no dia das suas festividades. Existem em tão grande ignorância que dão crédito a feiticeiras e benzedeadas, crêem nas almas que vêm do outro Mundo, no ma de quebranto, ou má olhadura e em outras extravagâncias que a sua superstição lhes dita. Nisto gastam o produto do seu supérfluo, podendo aplicá-lo a novas jeiras de terra, as quais aumentando a renda das suas casas, viriam [?], passados alguns anos, a ser ricos e independentes: ao contrário

porém, todos os lavradores, não digo só desta Ribeira, mas de todo o reino, estão empenhados, pagando juros, e com usura, de dívidas escusadas, e sempre assustados que os credores lhes ponham os bens na praça.

§ 11. Todas as suas conversações versam sobre contos de feiticeiras, arranjos de seus filhos, etc. A educação dos filhos é muito desprezada, e estão persuadidos de que o saber traz consigo a ruína da sua família; enquanto pequenos andam quase nus, simplesmente com uma longa camisa e descalços; e isto no maior rigor do Inverno, contra o qual têm a fogueira no lar. Logo que vão pela primeira vez à Confissão, começam a ser vestidos com umas calças de tomentos, muito espessas e grossas. São mui raros os Pais que ensinam aos filhos a Doutrina Cristã, porque as suas lidas campestres lhes tiram lugar para isso de dia, e à noite, cansados do seu trabalho, vão logo para a cama; o pároco é quem os elucida nestes princípios, obrigando-os, pelo rigor do castigo, a aprender.

§ 12. Apesar de haver mestres de Primeiras Letras, e uma escola Régia, instituída pelo Senhor D. João VI, de saudosa memória, junto ao Mosteiro de Pombeiro, contudo há muito poucos Pais que mandam os seus filhos aprender as primeiras letras. a maior glória para um destes lavradores, é ordenar um dos seus filhos; para isto não poupam despesas, nem os maiores sacrifícios; e desgraçado do filho, que o Pai escolheu para ser Padre, se ousa contrariar o desejo do que lhe deu o ser, ainda que para tal estado não tenha vocação alguma. É este um dos maiores incentivos que os move a carregarem-se de dívidas, e até a faltarem ao preciso. O filho logo que tem as Ordens sacras, é mais respeitado do que os próprios Pais, e os seus desejos são à porfia saciados e completos por todo e qualquer modo. É digno de singular expectação, ver um destes Padres, no centro da sua família, ao lar, contando as suas histórias com um ar hipócrita, e os pais e todos olhando estupefactos, sem ousar nem ao menos cuspir. A casa nunca teve cavalgadura nenhuma,

porque o Pai ia às suas romarias e às feiras a pé, porém logo que nela há um Padre, este tem privativamente a sua potra, e desgraçado do moço que lhe faltar com o penso, ainda em detrimento do mesmo gado vacum, tão precioso e útil à casa.

§ 13. Esta inclinação dos lavradores quererem ter um dos seus filhos sacerdote, é necessário atribuí-la ao desprezo geral em que o Reino tem os lavradores. O Pai que tem um filho Padre julga ter adquirido por este meio, os respeitos e honras de todos; e eis aqui por que este Reino conta um desmarcado número de celibatários, sumamente exorbitante em proporção da sua população. Este estado que requer muitos sacrifícios e gastos do lavrador, arruína muitos, coarcta em extremo a multiplicação, e diminui o número dos cultores que formam a base da riqueza de qualquer Nação.

§ 14. Se há alguma rixa, ou disputa entre dois lavradores, o pároco, ou um destes padres, sentado em uma pedra, já para isso destinada, ouve as duas partes queixosas, e qual juiz, de quem não há apelação nem agravo, sentencia, decide, concilia-os, e abranda ainda o mais arrebatado e indómito. Dali vai o pároco para sua casa, e eles direitos a casa de qualquer deles que mais perto seja, e amigavelmente bebem, e sempre com a cântara na mão, conversam. A decisão de um padre, e mui positivamente a do pároco, é, entre esta gente rústica, um oráculo; e por este motivo, e pela docilidade de costumes é que entre este povo poucas, e anos nenhuma demandas.

§ 15. Estes lavradores são pontuais no pagamento dos dízimos, e muitas vezes acontece o da fruta apodrecer, porém não lhe tocam sem que a veja o rendeiro. Se há lavradores carregados de tributos, são privativamente os desta Ribeira. Os foros, ou rendas ao Direito Senhor, por isso mesmo que o terreno é fecundo, são excessivamente grandes; algumas há que, naquele tempo em que se fizeram os prazos, podiam facilmente pagar-se, e comparadas com as colheitas, não eram exorbitantes;

hoje carregam anualmente de dívidas o triste lavrador, porque ele antes quer ficar a dever a um amigo que o socorre, que faltar com o foro ao seu Direito Senhor.

CAPÍTULO 3.º

Alguns estorvos ao aumento da Agricultura.

§ 1. Sem entrar no exame analítico das nossas leis agrárias, e da sua pouca observância, limitar-me-ei, simplesmente e com rapidez, a mostrar alguns abusos ao aumento da Agricultura.

§ 2. A espaçosa extensão de terras incultas, pertencentes às Câmaras e a algumas Corporações Religiosas, e que só mediante um foro desmarcado as emprazam, coarcta muito o progresso da cultura. As matas, ainda intactas, que por todo este Reino ainda estão com os vegetais que a natureza lhes faz produzir; os lavradores que não são proprietários, porém só meros caseiros, tudo isto deprime excessivamente a cultura, ramo, ou melhor, base da felicidade pública. Muitos são os abusos que definham e atrasam a Agricultura, e em menoscabo dos cereais vão progredindo, porém o meu pressuposto não foi tratar deste objecto.

§ 3. Os foros de todos os prédios ou propriedades desta Ribeira são pagos a diferentes Direitos Senhores; como são alguns fidalgos da Vila de Guimarães, ao conventos de Pombeiro e Belém, e a alguns particulares já subenfiteutas. Quase todos estes foros são postos à porta do Direito Senhor, cujos procuradores soberba e arrogantemente, muitas vezes rejeitam ao foreiro a espécie, com o pretexto de má, quando os não peitam. A medida destes senhores é sempre muito grande; e o foro, medido em casa do foreiro, com aumento para as quebras nunca dá as medidas nas tulhas destes senhores. Também é um terrível estorvo à Agricultura.

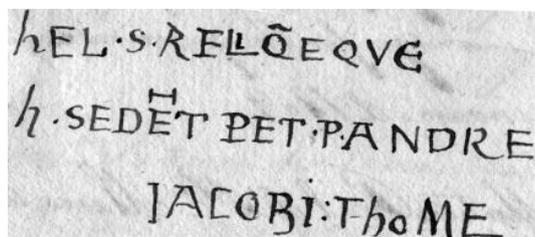
CAPÍTULO 4.º

Casas ilustres, Conventos e Antiguidades.

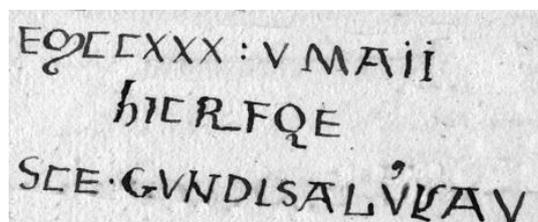
§ 1. Nesta Ribeira há casas muito antigas e nobres; tais são a Casa do Paço³, pertencente a Gaspar Leite, fidalgo residente em Guimarães; a Casa do Fidalgo de Sá, apalaçada em forma de um perfeito quadrado, firmada em uma arcaria de pedra de cantaria, com bustos em volta. A casa de António de Sousa, pessoa muito ilustre pelo seu sangue, situada no lugar de Vale-Melhorado, no cume de um monte e na encosta de outro; descobre-se do seu mirante mais de 12 léguas em circuito: tem um espaçoso terreiro com uma magnífica entrada. A Casa de Ladrido, muito antiga, cujos senhores, hoje pobres, são da antiquíssima casa de Cete. *Vede Nobiliário do Conde D. Pedro, no nome Freitas.* A casa de João Leite, situada no lugar das Portas, é muito boa, e está em um lindo sítio; a casa antiga deste fidalgo foi-lhe queimada pelos franceses, na invasão de 1809.

§ 2. O Mosteiro Real de Santa Maria de Pombeiro está situado a uma milha do Rio Vizela, a um lado de um grande e espaçoso terreiro, aonde já se abarracaram 6 mil homens, com todos os seus pertences. Foi concedido às terras deste Mosteiro o privilégio de Couto pela Rainha D. Tareja, no ano de 1112. Ele pertence aos monges beneditinos, nele está enterrado o Conde D. Gomes Nunes, chamado o de Pombeiro, pelo muito que doou e deixou a este Mosteiro, e no seu testamento, que fez em 1141, mandou que ali fosse sepultado. A igreja é de arquitectura gótica, os seus altares são magníficos e muito elevados, é muito espaçosa e alta, e firmada em colunas. Possui uma colecção de relíquias de diversos santos, entre outras a de que fala a seguinte epígrafe:

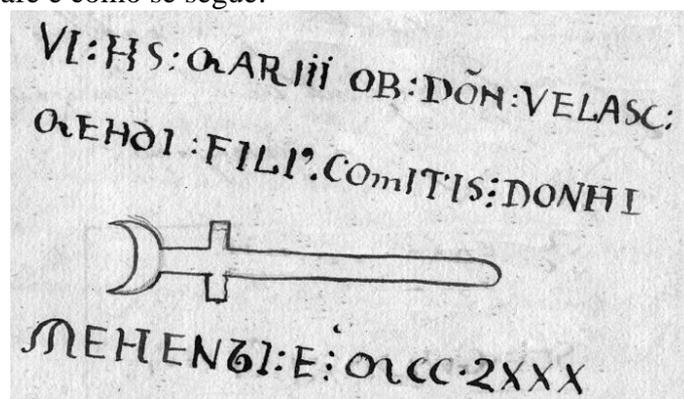
³ Neste lugar, em um pequeno casal, nasceu S. Gonçalo de Amarante.



Esta inscrição está em uma pedra, em forma de paralelogramo rectângulo, colocada na parede do lado do Sul, contígua ao Altar das Relíquias. Tem na frente do arco cruzeiro da capela-mor, a seguinte inscrição:



§ 3. Na entrada da Igreja, fora da porta principal, no cimo da escada que dá entrada para a mesma, está a seguinte inscrição. Está gravada no chão, em frente com a porta, entre dois sepulcros que estão encostados aos lados, levantados do plano do cimo da escada obra de quatro palmos; mostram ter sido abertos há pouco tempo, porque a fenda da tampa, que tem as suas estátuas talhadas na pedra, está caiada de fresco. A epígrafe é como se segue:



Parece dizer *VI:HS Em Março morreu D. Vasco ou Velasco Mendes, filho do Conde D. Henrique. Era 1280.* Parece-me ser algum descendente de Gonçalo Mendes, o Lidador, ou de Soeiro Mendes, o bom, da Maia, ricos-homens daqueles remotos tempos.

§ 4. A Igreja deste Mosteiro ainda está muito defumada do incêndio do Convento, que foi queimado pelos franceses, na invasão de 1809. Começou-se a edificar com sumptuosidade, porém parou a obra por motivos a mim desconhecidos.

§ 5. Não muito longe deste Mosteiro, existiu outro, intitulado *S. Maria do Sobrado*, tomando esta denominação do lugar aonde estava situado, que fica na falda do monte de Santa Iria, por estar uma ermida no cume dele. Este antiquíssimo mosteiro existia no tempo de Cristo 766, e era da Ordem de S. Bento; como relata *Fr. Leão de S. Tomás, na sua Benedictina Lusitana*, Cap. VII. No mesmo lugar do Sobrado ainda hoje se encontram ladrilhos e pedras lavradas, vestígios deste antigo edifício, e pouco abaixo do lugar mencionado, se edificou o Mosteiro de S. Maria de Pombeiro, cujos fundadores são ainda duvidosos, pois uns dizem que foi um filho do cavaleiro *Nuno Pais*, no tempo de D. Fernando, o Magno, ano de Cristo de 1041; outros que fora o Conde D. Gomes, do tempo do sobredito Rei; e finalmente a terceira opinião, e a mais verídica, é que foi D. Egas Gomes de Sousa, filho do sobredito D. Gomes: porém esta opinião está muito contestada, por escrituras que se acham no arquivo deste Mosteiro, assinadas na era 975, que são perto de 60 anos antes de viver ElRei D. Fernando Magno, em cujo tempo todos põem a fundação deste Mosteiro. Todavia, como se deduz do autor referido, se os Sousas não foram os seus fundadores, pelo menos foram seus padroeiros, pois o enriqueceram muito, com grandes doações.

§ 6. Além do referido Conde de Cela Nova, D. Gomes Nunes, estão outros muitos fidalgos antigos sepultados neste

Mosteiro, entre outros D. Gil Vasques de Soverosa, neto de D. Gonçalo de Sousa⁴.

§ 7. Este Mosteiro, no tempo do Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, tinha 37 igrejas anexas.

§ 8. No mesmo lugar aonde hoje está a rua dita de Pombeiro, existiu antigamente uma povoação, que era cabeça daqueles contornos; como se colhe de Fr. António Brandão, na sua 3.^a parte da Mon. Lusit., quando diz, referindo-se a uma doação original de Pombeiro, que ali vieram *Flamula Ketas* [??] e sua irmã *Adozinda Ketas* [??] correr um pleito sobre certas herdades em Lidares, e que ali estava Egas Gomes de Sousa, e com ele muitos homens nobres, que administravam justiça; este pleito correu no ano de Cristo 1071. Donde se colige que aquela povoação, hoje chamada Rua de Pombeiro, é antiquíssima.

§ 9. Pouco distante deste mesmo sítio, em distância pouco mais ou menos de 2 milhas, existiu, em tempos ainda mais remotos, uma cidade, situada em um vale, que lhe deu o seu nome, chamada *Eufragia*, de que era Régulo *Lenciano*; como se deduz das nossas histórias⁵, e especialmente da *Vida de Santa Quitéria*, escrita pelo D. Abade Fr. Bento da Ascensão. Esta Santa fugindo ao bárbaro rigor de seus pais, e da cidade de Braga, veio, segundo o Autor citado, asilar-se em uma antiga ermida que existia ainda no tempo deste D. Abade, chamada de s. Pedro, situada no cume do Monte de Pombeiro, ou Columbino, aonde agora está a magnífica capela dedicada a S. Quitéria. Neste mesmo lugar, pelas muitas escavações que foram precisas fazer-se, se acharam vestígios de uma povoação antiga, incrível à simples inspecção, pois estava exposta a todo o rigor das estações, e com falta de muitas coisas precisas à manutenção da vida, que nos faz crer que era dos companheiros

⁴ Nobiliário do Conde D. Pedro, tít. 25, n.º 4.

⁵ Fr. Bernardo de Brito, Mon. Lusit. Parte 2.^a.

da Santa na vida e no martírio, que ali sofreram, e ali mesmo foram enterrados, aparecendo os seus ossos na ocasião de se abrirem os alicerces para a sumptuosa capela que ali se edificou.

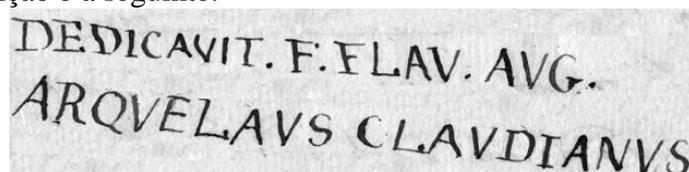
§ 7. Por entre os férteis e verdejantes passais do Mosteiro passa um regato, que toca com as suas águas um engenho de serrar madeira, e um de fazer azeite.

§ 8. Na mesma Ribeira outro Mosteiro, chamado da Cruz, que, por não ter coisa interessante, nada relato a seu respeito.

CAPÍTULO 5.º **Águas Minerais.**

§ 1. Além de muitas águas férreas, pouco usadas, tem igualmente águas termais, muito frequentadas e conhecidas pelo nome de Caldas de Vizela. A sua situação é pouco mais ou menos 7 léguas ao NE da cidade do Porto. A sua estrada é pública desta ilustre cidade à Vila de Guimarães, vila bem conhecida por ser o berço da nossa Monarquia: separando-se na ponte de Negrelos à direita, se vai encontrar o lugar das Caldas, chamado *Lameira*, por ser um lugar muito pantanoso. Neste sítio é aonde se acham as águas termais, depositadas em tanques. A sua figura é irregular, e aos seus lados estão casas edificadas para abrigo dos que vão fazer uso destas águas: esta planície, que está em forma de jardim, cercada com um muro de 5 palmos, com entradas pelos lados, serve de passeio aos doentes. Pelo centro do lugar corre um pequeno regato, que desagua no Vizela. Neste lugar se acham diversos monumentos que fazem honra a esta Ribeira pela sua antiguidade, e que pouco desvelo tem havido em se conservarem. Sobre a época da sua fundação são diversos os pareceres dos nossos Historiadores, querendo uns que fosse no tempo de *F Flavius Leg. De Augusto*, estribando-se em uma inscrição achada em uma pedra, que, pela

sua figura, parece ter sido remate de algum portal de templo. A inscrição é a seguinte:



Sendo um dos desta opinião *Fr. Bernardo de Brito*, cuja veracidade tem sido contestada em algumas partes da nossa história; o que é certo porém, é que elas eram frequentadas no tempo dos Imperadores *Constantino* e *Constante*, pela prova que disto dão a aparição de diversas medalhas por aqueles sítios e contornos, das quais possuo algumas. Que fossem frequentadas antes dos romanos, não há testemunhos que o certifiquem. Consta de alguns escritos e das investigações que incansavelmente fez o Ex.^{mo} Senhor Visconde de Balsamão, que neste lugar da lameira existiu em tempo imemorable uma cidade romana chamada *Cilania*, ou *Cenania*, cujos vestígios não aparecem, exceptuando alguns pedestais e colunas da Ordem Dórica, e lápides com inscrições gastas pelo tempo, que somente dão a conjectura de ter havido ali algum templo. Pelo que toca ao tempo certo em que estas Caldas se começaram a usar, não achei outra clareza, senão a que Estaço refere, mencionando a vinda de Afonso 5.^o, Rei de Leão a elas⁶, e recentemente as conhecemos com maiores vantagens do ano 1788. É necessário falar do bolhão de água fervente que nasce no meio do rio.⁷

§ 2. Hoje esta povoação é muito grande, e tem magníficas casas; os tanques estão mui bem arranjados, e sempre com toda a limpeza.

⁶ Ano do Senhor 1014.

⁷ [Anotado posteriormente].

CAPÍTULO 6.º

Algumas Antiguidades.

§ 1. Há dois lugares no Minho chamados *Tagilde* e *Atailde*; o primeiro que fica nas margens do Vizela, dizem *Resende* e *Morales* que foi edifício do Rei Atanagildo, obrigados talvez pela semelhança do nome, e de algumas ruínas antigas que, no tempo destes Autores, ali existiam; o segundo, que fica entre Arrifana de Sousa e Canavezes, o afirma uma doação antiga feita por Gonçalo Odorio ao Mosteiro de Arouca, na era de Cristo 1084, aos dez de Abril, aonde depois de assignar as demarcações da herdade, acrescenta, *et sicut jacet in plano et assurgit versus palatia Athanagildi per ipsam enfestam*; donde se prova bem que o nome dos lugares tenha sua derivação do de Athanagildo, que a meu ver seria algum godo ilustre, senhor e povoador destas terras, pois para o ser este Rei mencionado, além dos edificios não serem em si reais, me parece impossível povoasse e fundasse palácios em terras de suevos. Mas, se lhe tirámos a glória de terem princípio deste Rei godo, não tiraremos ao primeiro ser pátria de S. Gonçalo de Amarante, cuja santidade basta a fazer mais célebre o pequeno lugar de Tagilde, nesta Ribeira de Vizela, que a fundação real, ainda quando fora muito certa⁸.

§ 2. A igreja de S. Martinho de Penacova mostra ser muito antiga, pois a sua architectura é gótica, e existem no seu adro restos de uma pedra, que mostra haver tido alguma inscrição; os seus caracteres são ininteligíveis, e por isso nada se pode deduzir dela.

⁸ Fr. Bernardo de Brito, 2.ª p.ª da Mon. Lusit.

CAPÍTULO 7.º

Pontes e Azenhas.

§ 1. O Rio Vizela tem 7 pontes magníficas, de 3 e 4 arcos de pedra de cantaria. Tem além destas outras de tábua, a que o vulgo chama *pinguelas*.

§ 2. A natureza parece que nesta Ribeira produziu tudo o que era conveniente às precisões de um povo: deu-lhe grãos em abundância, quis igualmente, ajudada da arte, dar-lhe aonde os moessem, para a sua subsistência. É tal a quantidade de azenhas por todo o decurso do Rio, que desta Ribeira vai muito grão moído para diversas partes longínquas. As azenhas são todas de 2 e 3 rodas.

CAPÍTULO 8.º

Descrição do Rio, e peixes que nele há.

§ 1. Este Rio tem sítios aonde é muito caudaloso, porém tem outros aonde, de Verão, se pode passar quase a pé enxuto. Tem a sua origem muito perto da Vila de Fafe⁹, e perde o seu nome muito próximo de Santo Tirso, tomando o de Ave, que vai desaguar no Oceano pela foz de Vila do Conde, formando ali uma barra óptima, principalmente de Inverno, para embarcações de grande porte.

§ 2. É muito abundante de peixe, muito saboroso, mas de poucas espécies. O *barbo*, do qual tem saído algum de 3 palmos; a *truta*, que igualmente as tem mui grandes; a *boga*, peixe pequeno, mas muito saboroso; o *escalo*, também pequeno; ao

⁹ Nasce nas terras do Couto de Pedraído, e correndo por elas parte a freguesia de S. Pedro de Queimadela do termo de Guimarães, e toma o nome de Vizela na freguesia de S. Tomé de Travassos, corre depois do Nascente ao Sul pela freguesia de Golães, chega à honra de Cepães, e daí quase meia légua de distância divide o Couto de Pombeiro do termo de Guimarães.

estes os peixes que povoam este Rio, acrescento-lhe a *enguia*, que aparece raras vezes.

§ 3. Traz também diversos animais anfíbios, muito nocivos à propagação do peixe; tais são: a *lontra*, em grande quantidade, cuja pele tem diversos usos; a *ratazana*, e a *cobra*. Os dois primeiros animais são terríveis aos pescadores, pois lhes furam e roem as redes, comendo-lhes o peixe que nelas está malhado.

§ 4. Há neste Rio diversas levadas privilegiadas, aonde ninguém pode lançar rede; é meramente tolerada a pesca à cana. Não sei positivamente se os donos destas levadas têm diploma, por onde proibam e castiguem aquele que ousou lançar rede nas suas levadas; porém quer o tenham que não tenham, é horroroso não poder pescar-se em todo o Rio, sem que para isso não venha o antecipado temor de morrer às mãos de um assassino, ou arbitrariamente mandado preso para uma cadeia, como castigo da infracção de um uso que, passados tempos, o povo tomou por lei. Destas há: uma pertencente a Gaspar Leite, da Vila de Guimarães, que a faculta facilmente, indo anteriormente pedir-lhe licença para esse efeito; outra dos frades do Mosteiro de Pombeiro, que a pescam amiudadas vezes. Estas, julga o povo que é lei guardar-lhes decoro. Outras há que, presentemente, guardam-lhes respeito, em atenção aos seus donos, porém que, para o futuro, virão a ser tão privilegiadas como as que ficam antecedentemente mencionadas. O Rio é todo bordado de choupos, salgueiros, álamos, olmos, amieiros e freixos, em forma de parede: na raiz, ou carroncos destas árvores é que se cria o peixe, sendo preciso, em muitas paragens, meter-lhes trovisco e perrexil, para que o peixe malhe na rede; porém lançar-lhe estes venenos, que matam a criação, é muito proibido e tem penas muito rigorosas, porém nunca o fazem senão com muitíssimo recato.

CAPÍTULO 9.º
Das Árvores.

§ 1. As árvores que fazem as vastas florestas e bosques desta interessante Ribeira, são em tão grande número, incluindo neste nome genérico os diversos arbustos, que somente a sua descrição faria uma volumosa memória; todavia, por entre o seu copioso número, eu pude lembrar-me das mais úteis, tanto pelos seus usos, como pelos seus frutos.

§ 2. A Tábua seguinte dá, de um lançar de olhos, as árvores próprias para diversas obras, aquelas que aformoseiam os jardins, e as frutíferas; e de todas as diversas espécies o seu número e qualidades.

Frutíferas	Para jardim	Silvestres	N.º das Quali. des	Capazes para obra
Castanheiro	4	Castanheiro
Marmeleiro	Loureiro	Sabugueiro	1	Vimeiro
Romãzeira	Álamo	1	Choupo
Nogueira	Acipreste	1	Carvalho
Limoeiro	Limoeiro	Escalheiro	2	Nogueira
Figueira	Cedro	3	Limoeiro
Laranjeira	Laranjeira	1	Laranjeira
Oliveira	1	Oliveira
Cerejeira	Murteira	5	Cerejeira
Ameixieira	Azevinheiro	4	Ameixieira
Pessegueiro	Faia	3	Amieiro
Macieira	6	Freixo
Pereira	5	Pereira
Pinheiro	Romãzeira

§ 3. Esta terra tão abundante de vinhos verdes, e tão copiosa em diferentes qualidades de uvas, umas próprias para vinho, e que se não comem, por serem muito agras, outras que têm um, e outro préstimo, é certamente digna de eu especificar

as suas diferentes qualidades, tanto as indígenas, como as aclimatadas; e para maior facilidade vão em forma de Tabela.

Uvas que se comem e das quais também se faz vinho	Uvas só próprias para o vinho	Uvas amoldadas ao terreno	Uvas brancas, de que se vinho bom, se bem que seja em pouca quantidade
Malvasia Moscatel Mourisca Espadeira Asal Verdelha Pinhal	Espadeiro mole Borraçal Vinhão	Malvasia Moscatel Alvaralhão Bastardo Ferral Alicante	Malvasia Moscatel branco e roxo Asal Pinhal Casal

CAPÍTULO 10.º **Do tempo das sementeiras.**

§ 1. Eis aqui um dos objectos da maior entidade, e que varia segundo o influxo dos tempos e dos terrenos.

§ 2. Há diversos instrumentos próprios para preparar a terra, em antes de se lhe lançar a semente; os de maior necessidade, e sem os quais é impossível haver sementeira, são o arado e a grade. Destes há diferentes qualidades, segundo os terrenos. Os desta Ribeira são muito simples.

§ 3. As sementeiras dos centeios, trigos e tremoços são desde os fins de Outubro, até aos princípios de Dezembro; há porém lavradores que ainda em janeiro semeiam centeios. Esta Ribeira é muito fecunda deste género e talvez seja um dos motivos porque os lavradores desprezam a sementeira dos trigos; e se algum há que o semeia, é para pagar algum foro neste grão.

§ 4. A quadra própria das sementeiras do milho alvo e painço é desde os princípios de Maio até aos princípios de Julho. O serôdio é semeado pouco depois da ceifa dos centeios; o feijão é semeado nesta mesma quadra, juntamente com os milhos; as suas qualidades são diversas e de todas se semeia nesta Ribeira.

§ 5. As podas são irregulares, e não todos os anos; os lavradores dividem em duas partes os seus respectivos prédios, de maneira que podam um ano uma das partes, ficando a outra para o outro ano seguinte; a parte do prédio que um ano há-de ser podada chama-se vulgarmente *tranca*.

§ 6. As vindimas começam desde o dia de s. Miguel por diante e nunca antes, ainda que conheçam o fruto sazonado, porque é tal o hábito em que estão de vindimar neste tempo, que supõem as uvas por sazonar antes que passe o fim de Setembro; isto neles é abuso e preocupação, resulta às vezes desta demora nas vindimas grave prejuízo às colheitas, por o tempo vir mau e pelos extravios e furtos.

§ 7. As diversas qualidades de legumes, os seus usos, cultura, etc., vão nas seguintes Tabelas, para maior facilidade. Todavia, acerca de alguns, direi várias circunstâncias que ocorrem.

1.^a A fava não está em muito uso e se semeia em pouca quantidade.

2.^a O nabo, nunca chega a formar perfeitamente o bolbo, nem em grandeza notável.

3.^a O repolho, por mais desvelo que haja, nunca chega a fechar-se.

4.^a A cenoura, o rábano, são plantas raras, por as não cultivarem.

5.^a A batata é muito produtiva, e há muito cuidado em a cultivar; a preferem a outra qualquer comida; tem havido batata que pesa 2 arráteis.

6.^a As abóboras são em grande abundância, e de diversas qualidades.

7.^a A melancia e o melão produz, mas em pouca quantidade, e não paga o afã de o vigiar constantemente.

§ 8. A Tabela seguinte nos mostra um termo médio proporcional entre a sementeira de alguns lavradores, e a sua produção, assim como os preços dos mesmos nos últimos anos.

Géneros	Sementeira lançada na terra	Produções dos anos			Preços nos anos		
	Alqueires	1825	1826	1827	1825	1826	1827
Milho	1	30	26	18	420 ^{rs}	480 ^{rs}	510 ^{rs}
Feijão	“	10	17	14	800 ^{rs}	720 ^{rs}	800 ^{rs}
Centeio	“	16	19	22	360 ^{rs}	400 ^{rs}	480 ^{rs}
Trigo	“	6	9	16	960 ^{rs}	1000 ^{rs}	900 ^{rs}
Painço	“	2	5	4	300 ^{rs}	240 ^{rs}	380 ^{rs}
Batatas	“	20	14	16	200 ^{rs}	160 ^{rs}	240 ^{rs}
Milho miúdo	“	2	5	8	800 ^{rs}	660 ^{rs}	640 ^{rs}

§ 9. Pelo precedente mapa se conhece a fertilidade do terreno, apesar dos anos mencionados nele não serem os mais frutíferos, pois tem havido anos que a semente produz 30 e 40 por um.

CAPÍTULO 11.º

De algumas plantas úteis que nascem sem cultura.¹⁰

§ 1. A quantidade de plantas que nascem naturalmente por entre as cultivadas, é imensa, porém a Tabela seguinte nos dá a conhecer as mais vistas, e as mais úteis.

¹⁰ A Tabela seguinte é recopilada de uma Memória manuscrita do Ex.^{mo} Senhor Visconde de Balsamão; este magnânimo Senhor ma faculta sem a menor dificuldade, para enriquecer por meio dela a minha Memória.

Plantas

Nomes	Cultura	Usos
Bardana	Nasce pelas hortas em terra que não é demasiadamente forte. Propaga-se por semente, e sem cultura	Esta planta é um poderoso remédio de que se faz muito uso na Medicina, que a olha como estimulante, principalmente as suas raízes; as suas folhas são resolutivas, o que a faz digna de ser cultivada.
Cana	Dá-se em terra algum tanto solta; requer alguma humidade, e exposição temperada. Propaga-se por semente, e pelos seus canudos, contanto que tenham olhos.	As canas deste vegetal são muito úteis para as latadas e para as vinhas e jardim. As suas raízes são reputadas como diuréticas.
Erva Cidreira	Cresce e se dá nos terrenos que são alguma coisa lentos. Propaga-se por semente	O maior uso que se faz deste vegetal é na Medicina, como cordial e estimulante.
Gramma	Cresce entre as diferentes plantas gramíneas. Propaga-se por semente.	Serve de pasto a diferentes animais, e serve na Medicina como diurética.
Hortelã	Cultiva-se em terras preparadas para hortas, e dá-se em terras frescas e substanciais. Propaga-se por semente e plantação.	Tem muitos usos na cozinha, e dá às comidas um gosto particular e esquisito. Tem a virtude de ser anti espasmódica e estomacal.
Joio	Nasce por entre as outras plantas gramíneas, às quais é muito nocivo. Propaga-se por semente.	As palhas deste vegetal servem de alimento a diferentes animais; a farinha produzida do seu grão é de muito mau sabor, se o transmite ao pão em que vai misturada.
Leituga	Nasce naturalmente, por entre as outras plantas gramíneas e pelos montes. Propaga-se por semente.	Serve de pasto a diferentes animais.
Macela	Nasce naturalmente pelos campos, principalmente depois das ceifas dos	O seu uso na Medicina é de conhecida reputação, pois é um dos remédios domésticos de mais

	centeios; dá-se nas terras húmidas e substanciais. Propaga-se por semente.	uso; é estomacal, estimulante e anti-séptica.
Milhã	Nasce naturalmente por entre as plantas cereais. Propaga-se por semente.	Serve de sustento para as aves domésticas, e pasto para os gados
Ortiga maior	Nasce naturalmente por terras soltas, particularmente pelas hortas. Propaga-se por semente e também por plantação.	Tem uso na Medicina como refrescante e depurante.
Salsa	Nasce pelas hortas e requer terra húmida. Propaga-se por semente.	Tem muito uso nos guisados, e é de suma necessidade aos cozinheiros. É estomacal e refrescante.

Além destas plantas, há outras muitas, como já disse, que têm uso na Medicina, das quais não faço menção, porque seria amontoar palavras sobre assunto já tratado por pessoas muito eruditas.

CAPÍTULO 12.º

Das plantas mais úteis que se cultivam.

§ 1. A Tabela seguinte nos mostra os nomes, cultura e usos das diferentes plantas que fazem a manutenção das vidas do povo de Vizela.

Plantas

Nomes	Cultura	Usos
Abóbora	Cultiva-se, em grande quantidade, por entre os milhos e nas hortas. Propaga-se por semente. Requer um terreno adubado com estrumes bons.	Este vegetal é um dos mais úteis ao homem do campo, que por meio dos seus frutos se sustenta; é igualmente um bom alimento para engordar os porcos.

REVISTA DE
GVIMARÃES

Alho	Requer uma terra doce e substancial; dispõe-se à linha, abrindo regos de duas polegadas de fundo. Multiplica-se por semente ou por bolbos.	Usa-se nas cozinhas, e os seus bolbos dão aos manjares um gosto particular. A Medicina usa deste vegetal como diurético, incisivo, sudorífico, etc.
Batata	Dá-se na maior parte dos terrenos, à excepção dos demasiados areentos. Propagam-se por seus bolbos inteiros ou partidos; semeiam estes bolbos em regos de 3 e 4 polegadas de fundo, havendo cuidado de as mondar, mergulhar e lançar-lhes estrume.	Os bolbos desta planta são um sadio alimento para o homem, e especialmente para o do campo, que lhe serve de pão. Tem bastante matéria gomosa, e a sua destilação dá bebidas agradáveis.
Beldros	Nasce pelos campos, por entre as plantas cereais e pelas hortas; requer terra substancial e húmida. Propaga-se por semente.	Tem uso nas cozinhas para as sopas, e para se comporem guisados desta planta.
Beldroegas	Nasce pelos campos e hortas; requer boa terra e húmida. Propaga-se por semente.	Usa-se nas sopas, e se reputa como uma planta muito útil e salútfera, dada como alimento aos doentes. É refrigerante e corroborante.
Cebola	Requer terra doce e substancial, e algum tanto solta. Propaga-se por semente, e também com os seus bolbos; plantam-se a cordel, em tabuleiros e em pequenos sulcos.	Entre nós tem uso muito comum nas cozinhas. É um poderoso ácido, e bastante corrosivo; as suas propriedades médicas são ser estomacal, sudorífica, incisiva e maturativa.
Cenoura	Esta planta é desconhecida dos lavradores desta Ribeira, porém em algumas casas grandes dela a cultivam em suas hortas; requer terra substancial e bem estrumada; no tempo de grandes calores algumas	A raiz deste vegetal é um excelente alimento; é mesmo um bom pasto para as vacas, e querem alguns agronomistas lhes dê bastante leite. Os gados comem a sua ramagem. Têm uso na Medicina como diuréticas, as suas sementes.

	regas. Propaga-se por semente e por plantação.	
Couve	Cultiva-se nas hortas, dispondo-as em tabuleiros; requer uma terra que não seja em demasia compacta, e que tenha alguma humidade. Propaga-se por semente, e depois se transplanta.	Há diferentes espécies deste vegetal, e dentre todos é este um dos que se faz mais uso nas cozinhas. É o alimento ordinário dos agrícolas. As suas raízes produzem um óleo, que serve para a pintura e que as Artes estimam.
Ervilhas	Cultivam-se nas terras das hortas; requer terra bem adubada com estrumes. Propaga-se por semente; precisam de regas, dadas com cuidado, nos grandes calores.	Usam-se tanto verdes como secas; e é um legume gostoso e nutritivo. A sua farinha é emoliente.
Fava	Cultiva-se nas terras das hortas. Propaga-se por semente.	Este legume tem diversos usos, tanto em verde como em seco. A sua rama serve de pasto a diferentes animais. Usa-se na Medicina como emoliente, a farinha produzida do grão.
Feijão	Não se dá em terras argilosas e arentas, nem demasiado frescas. Requer terra adubada e mais calor que frio. Propaga-se por semente.	Há diversas espécies, de todas se cultiva com muita abundância. Comido tanto em seco como em verde. A sua rama serve de pasto a diferentes animais. A farinha produzida do grão tem uso na Medicina e como emoliente.
Milho	Esta planta é própria dos climas quentes, como na Turquia, de onde veio. Cultiva-se nos campos, quer regas, sachas e mondas; e um terreno que não seja demasiado forte. Multiplica-se por semente que se lança à mão.	O milho, depois do trigo, é o vegetal que deus criou mais útil. Todos os povos das quatro Partes do Mundo o cultivam. É o sustento diário das gentes do campo. Serve para engordar aves e animais domésticos. Os povos da América fazem por meio da fermentação um licor

REVISTA DE
GVIMARÃES

		que se lhes serve em lugar do vinho.
Milho miúdo	Requer terra que não seja demasiado forte, nem alagadiça. Propaga-se por semente que se lança à mão.	O grão desta planta é muito miúdo; reduzido a farinha forma de per si pão muito saboroso e útil aos doentes. É o sustento de diversas aves domésticas, a sua palha é ótimo sustento para os gados, tanto no estado verde como em seco. Usa-se como emoliente
Milho painço	Tem a mesma cultura que o precedente.	Tem os mesmos usos que o precedente.
Nabo	Cultiva-se nos terrenos que não sejam demasiados fortes e húmidos. Propaga-se por semente, e se melhora transplantando-se.	Tanto os seus bolbos como a sua ramagem tem muito uso entre os alimentos do homem, e é um dos mais saudáveis. Ao bolbo chama-se nabo, à rama nabiça, aos talos ou rebentos grelos. Serve para os gados, especialmente para as vacas, as quais faz aumentar o leite.
Pepino	Requer terra adubada, fresca e alguma coisa solta. Propaga-se por semente, e mergulhadas suas ramagens.	Usa-se como comida, porém é indigesto e pouco saudável. As suas pevides são refrescantes.
Rabão ou Rábano	Requer terra húmida, e algum tanto solta, e bem adubada. Propaga-se por semente e plantação.	Este vegetal é desusado dos lavradores que não conhecem as suas vantagens para os gados, contudo algumas hortas o têm. Tem muito uso nas cozinhas das casas ricas desta Ribeira. São apariativos [aperitivos?].
Centeio	É um dos vegetais que se dão em qualquer terra, até na pedregosa. Requer lavras e mondas. Multiplica-se por semente, lançada á mão.	O grão desta planta faz uma farinha, de que se faz pão, que os lavradores usam muito, especialmente os desta Ribeira. Todavia este pão não é sadio, e conserva sempre azedume; costuma misturar-se com a farinha dos outros grãos. Os

		gados o comem tanto em verde como em seco; com a sua palha se colmam casas.
Trigo	Cultiva-se em terras negras e substanciais; precisa de frequentes lavras e mondas. Requer que a terra seja adubada com bons estrumes. Propaga-se por semente, lançada à mão.	De todas as plantas frutíferas que o Criador deu à terra, a mais precisa ao homem é esta; ela não só os alimenta com as suas nutrientes farinhas, mas é igualmente parte do que constitui a riqueza e força do Estado. A Medicina tira dela grandes vantagens.
Tremoço	Cultiva-se em qualquer terreno, e para a sua cultura não requer melindre. Propaga-se por semente e mergulhia; usa-se muito para amansar as terras esmoutadas de novo.	Este legume é de grande recurso nos anos famintos; a sua rama serve de pasto às coelhas. Costumam comer-se depois de curtidos em água, com algum sal.

CAPÍTULO 13.º

Aves.

§ 1. Segundo prometi no frontispício, é preciso dar uma noção geral das aves que povoam os bosques e os campos desta ribeira, e com bastante clareza, vão na Tabela seguinte.

Aves

Nomes	Brava	Doméstica	De que terra são indígenas
Corvo	Brava	É ave forrageira em toda a terra, e busca o clima que lhe apraz.
Gaivota	Brava	É própria da água; há-as pretas e brancas. Têm aparecido algumas no Rio de Vizela.
Galinha	Doméstica	Desta ave há diferentes espécies; a daqui é indígena da Índia Oriental.

REVISTA DE
GVIMARÃES

Perdiz	Brava	Domestica-se	Há, nesta Ribeira, muita quantidade destas aves.
Codorniz	Brava	Domestica-se	Vem das Espanhas, apesar de que também fazem criação nesta Ribeira.
Pomba	Doméstica	Há-as de diversas cores, e de muitas espécies.
Torcaz ou Pomba Brava	Brava	É pássaro de arribação.
Cotovia	Brava	É própria de Portugal, e com muita abundância nesta Ribeira.
Estorninho	Brava	É ave de arribação, e quando vem é em grande quantidade e aos bandos.
Tordo	Brava	É ave de arribação; vem aos bandos, habita os bosques.
Tortulana ou Flozinha	Brava	É de Portugal; habita pelos campos e hortas; é o pássaro mais pequeno que há em Portugal.
Pardal	Brava	É indígena de Portugal, e nesta Ribeira é uma praga nas searas.
Andorinha	Brava	Foge de Portugal quando chega o Inverno.
Pintassilgo	Brava	Domestica-se	É indígena de Portugal; o seu canto é muito apazível, as suas cores são muito lindas; habita os bosques.
Melro	Brava	Domestica-se	É próprio de Portugal, e especialmente desta Ribeira, pois é imensa a sua quantidade; canta só na Primavera.
Milheiro	Brava	Domestica-se	É própria das províncias do Minho e Trás-os-Montes; é uma praga nos painços. O seu canto é agradável.
Sombria	Brava	Habita entre as plantas gramíneas, e no Inverno aparecem mais.
Rouxinol	Brava	Domestica-se	Há muitos nesta Ribeira, e nela se criam. O seu canto de madrugada, na Primavera e Verão, torna a vivenda no campo muito agradável.
Poupa	Brava	Há maior quantidade em Agosto e Setembro; fazem criação nesta Ribeira; habita os bosques e os

REVISTA DE
GVIMARÃES

			montes.
Pisco	Brava	Esta ave habita as casas arruinadas e os bosques.
Tentilhão	Brava	É pássaro de arribação; habita os bosques.
Serezino	Brava	Domestica-se	É indígena de Portugal; é uma praga nos painços, habita os bosques. O seu canto é esquisito e secioso [??].
Gaio	Brava	É indígena de Portugal; nesta Ribeira há muito quantidade; habita os bosques; é uma praga nas frutas.
Mocho	Brava	Aqui há muitos; habita os troncos das árvores.
Rola	Brava	Domestica-se	Desta ave vêm muitas bandadas em Setembro, corridas com o vento Leste. As que vêm a Portugal são indígenas da Itália; apesar disto, elas fazem muita criação nesta Ribeira.
Morcego	Brava	É mais uma espécie de animal do que ave. Habita as casas velhas, igrejas, etc.; voa de noite.
Pica-peixe ou Pico do Rio	Brava	É pássaro aquático. É muito lindo da pena, e tem a virtude de livrar a roupa da traça, lançada a sua pena nas gavetas.
Rola do Rio	Brava	É pássaro só próprio dos Rios; aparece neste Rio de Vizela, em muita quantidade, no Inverno.
Melro do Rio	Brava	É próprio dos rios, e especialmente dos regatos.

CAPÍTULO 14.º

Animais.

§ 1. Nesta Ribeira não há animais dignos de singular expectação, todavia os que há são quase todos úteis, e por isso mesmo mais atendíveis. A Tabela seguinte nos mostra os seus nomes, se são selvagens, domésticos, e os seus usos.

Nomes	Selvagens	Domésticos	Usos
Cão	Doméstico	Há deste animal diferentes espécies, que têm diversos usos: é guarda fiel do seu casal; nesta Ribeira não há um único lavrador que não tenha um cão.
Raposa	Selvagem	A sua pele é ótima para diversas coisas. É animal nocivo às aves domésticas.
Gato	Doméstico	É um animal muito preciso em todas as casas. Todos sabem o seu uso. A sua pele tem diversos usos nas Artes.
Doninha	Selvagem	Infesta as capoeiras; caça os ratos; a sua mordedura é venenosa; a sua pele é boa para certas coisas.
Porco	Doméstico	Todos sabem os usos deste animal; a sua carne nesta Ribeira, depois de defumada, é saborosíssima.
Ouriço	Selvagem	É nocivo às frutas; a sua textura é extraordinariamente célebre.
Lebre	Selvagem	A carne deste animal é muito saborosa; a sua pele é boa para certas coisas. Habita os montes.
Coelho	Selvagem	Doméstico	A sua pele é muito útil para os chapéus, e outras coisas. A sua carne é muito agradável ao paladar.
Rato	Selvagem	Habita pelas casas e pelos campos.
Cabra	Doméstico	As suas utilidades são bem conhecidas; a sua pele, o seu cabelo, o seu leite, são coisas muito úteis.
Ovelha	Doméstico	A sua lã, a sua pele, e o seu estrume são de conhecida vantagem nas Artes e na Lavoura.

Boi, Vaca, Touro	Doméstico	De todos os animais úteis, o que Deus criou de mais préstimo, foi, sem dúvida, o boi; nada deste animal é desprezado, tudo tem préstimo, até o seu mesmo excremento. Enquanto vivo ele é que faz tudo na Agronomia; depois de morto, a sua carne, a sua pele, os seus ossos, pontas, etc., são tudo preciosidades, conhecidas por todo o Mundo.
Cavalo	Doméstico	Ninguém duvida dos usos apreciáveis deste brioso animal.
Burro ou Asno	Doméstico	Carrega pequenos fardos, para diminutas distâncias.
Macho	Doméstico	É animal preciso para os transportes longínquos; os seus usos são de reconhecida reputação.
Martó	Selvagem	A sua pele é boa e linda, tem uso nas Artes. Infestam as capoeiras, e comem as aves domésticas.
Lontra	Selvagem	É animal anfíbio; a sua pele é boa; é muito nociva à propagação do peixe.
Furão	Doméstico	É de suma necessidade aos caçadores de coelho; o seu préstimo é notório, a sua conservação é em extremo melindrosa.

CAPÍTULO 15.º

§ 1. Resta agora dar uma Tabela dos répteis mais conhecidos; é tal a quantidade destes animalejos que alguns ainda não estão descritos na história animal deste Reino.

§ 2. os insectos e vermes vão igualmente na Tabela seguinte

Répteis anfíbios

Nomes	Usos
Rã	A sua utilidade médica é muito conhecida, pois deste réptil se extrai o chamado unguento de rã.
Lagartixa	Tem alguns usos na medicina.
Salamandra	Não lhe conheço vantagens algumas.
Lesma	Tem alguns usos na Medicina; é de cor rubra, dá uma cor de púrpura muito estimada das artes.
Sapo	O seu corpo é semelhante em tudo ao da rã; tem algumas utilidades médicas.

Insectos e Vermes

Nomes	Usos
Víbora e Cobra	É réptil muito venenoso; a sua picadela adormenta a parte picada; sobe, para tomar o Sol, pela oliveira acima. O Monte de Margaride é abundante do primeiro réptil, que causa muito dano aos caçadores.
Sardão	É venenoso, e muito frequente pelas paredes velhas e montes.
Abelha	Tem os seus favos na cava das árvores, e em cortiços; dá o mel que extrai do néctar das flores do campo; produz igualmente a cera; a sua picadela é venenosa.
Vespa	Faz os seus favos nas cavas das árvores, nos buracos das paredes velhas e debaixo das telhas das casas; a sua picadela é venenosa.
Besouro	Tem todas as qualidades da vespa, porém o seu veneno ainda é mais forte.
Formiga	Há deste insecto diversas espécies; tem alguns usos na Medicina, aplicadas externamente, como ___[???]para a Paralisia e Reumatismo.
Mosca	É muito frequente e molesta nas casas; é uma praga nos gados. Há deste insecto diversas espécies.
Piolho	Cria-se na cabeça do homem, e nos vestidos dos pobres; há-os também em alguns animais, e nas aves. É insecto imundo.
Pulga	Busca o calor, e persegue o homem na cama; entranha-se pela lã de todos os animais.
Aranha	Forma a sua teia nas árvores, nas plantas e nas casas; a sua picadela é venenosa.

Escorpião	Habita as casas húmidas; a sua dentada é venenosa.
Centopeia	Habita a terra podre, árvores podres, etc.; a sua picada é venenosa.
Minhoca ou Lombriga	Este verme é criado nas terras podres; tem alguns usos médicos; é considerado como diurético, diaforético, etc.; tem uso para o reumatismo, retenção de urinas e convulsões.
Sanguessuga ou Bicha	Este verme é próprio da água e nela criado; tem usos cirúrgicos, nas inflamações e doenças hemorrodais, etc. Deste verme há muita abundância no Rio e Poços.
Grilo	Este insecto é o folguedo dos rapazes, pelo seu célebre canto. Tem alguns usos Médicos. Dele há diferentes espécies.
Escaravelho	Habita a terra arenosa, as flores, as hortas e as casas velhas. Deste insecto há diversas qualidades.
Gafanhoto	É uma espécie de grilo; habita os campos e os montes.
Percevejo	É muito frequente nos leitos; deste insecto há diversas espécies que são nocivas às plantas
Borboleta	Há deste insecto diversas espécies e variedades; diurnas e nocturnas; grandes e sumamente pequenas.

CAPÍTULO 16.º

Conclusão.

§ 1. Além de todas as relevantes prerrogativas, precedentemente mencionadas, pelas quais esta Ribeira se faz famigerada, tem igualmente a de ser rica em toda a qualidade de minerais nas entranhas da terra: conta-se ainda hoje entre o povo que antigamente um lavrador, andando a fazer uma mina para tirar água, encontrara terra mista com ouro; a fama deste caso, voando de boca em boca, chegara à Câmara da Vila de Guimarães que imediatamente mandou tapar a mina, e cessar a obra. Eu possuo pedaços de cristal bruto, achados pelas ramificações da Serra de Barrosas, adjacentes a esta Ribeira.

§ 2. Enfim, rapidamente fica mencionado o que se faz mais notável desta parte da Província do Minho: se parecer ocioso o trabalho o que penas doutas deveriam escrever, é o

assunto tão vasto e tão atendível, que, sem ofensa dos graves críticos, se verão ressuscitadas das cinzas do esquecimento as excelentes qualidades da Ribeira de Vizela, que o descuido sepultou no Lethes. Os curiosos acharão nesta Memória, e na terra que ela pinta, matéria para a mais dilatada escritura, pondo em grave estilo assunto que merece as vistas dos Especuladores da Natureza.